



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A VOZ SUBVERSIVA E DESCOLONIZADORA DE MAYA ANGELOU: UM ESTUDO DE SUA POESIA E AUTO BIOGRAFIA

Laura Mariano de Christo¹
Miguel Neneve²

INTRODUÇÃO

Neste trabalho analisaremos como a poesia e a autobiografia de Maya Angelou apresenta contra-discursos aos discursos colonizadores sobre o outro, sobre o subalterno, sobre as pessoas de cor e as pessoas que perderam seus direitos por causa da sua raça ou condição social. Identificaremos os traços de uma literatura pós-colonial na obra autobiográfica *I know why the caged Bird sings* e também no poema da autora com o mesmo título da obra. Apesar da literatura estadunidense não ser considerada pós-colonial, podemos argumentar, através deste trabalho, que a vida e a obra de Maya Angelou denuncia o racismo, as injustiças sociais e os preconceitos. Pretendemos investigar até que ponto Maya Angelou representa a voz pós-colonial, que se une a outras vozes para mostrar que a “verdade” do colonizador é algo falido.

Os estudos pós-coloniais que surgiram na década de 1980s sugerem que a literatura pós-colonial é a literatura escrita por povos que sofreram o peso do colonialismo, isto é que foram colônias europeias e que de certa forma não se libertaram totalmente do colonialismo. No entanto, a literatura dos Estados Unidos não está incluída nas literaturas pós-coloniais, segundo Bill Ashcroft, Hellen Tiffin e Gareth Griffith, em *The Empire Writes Back* (1992), por causa da posição colonizadora que os Estados Unidos assumiram. Muitos países, ex-colônias europeias são dominados pelo Mercado Americano, por interesses comerciais e até

¹ Graduanda do curso de Letras- Inglês Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
lauramarianoc_@hotmail.com

² Professor do Depto de Letras – Inglês e do Mestrado em “Letras” e em “Estudos Literários” da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. neneve@unir.br



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

militares dos Estados Unidos. Por exemplo, o termo "banana republic" foi um jeito sarcástico de referir-se a países subjugados e governados pela influência dos EUA.

O pensador latino americano Walter Dignolo fala sobre a necessidade de desobedecer as bases formadoras do eurocentrismo e de qualquer discurso que sugere que há os melhores e os piores. Em seu texto A Desobediência Epistêmica o autor diz:

A primeira tese, a identidade na política (melhor do que política de identidade), é um movimento necessário de pensamento e ação no sentido de romper as grades da moderna teoria política (na Europa desde Maquiavel), que é _ mesmo que não se perceba _ racista e patriarcal por negar o agenciamento político às pessoas classificadas como inferiores (em termos de gênero, raça, sexualidade, etc.). A segunda tese se fundamenta no fato de que essas pessoas, consideradas inferiores, tiveram negado o agenciamento epistêmico pela mesma razão. Assim, toda mudança de descolonização política (não-racistas, não heterossexualmente patriarcal) deve suscitar uma desobediência política e epistêmica. A desobediência civil pregada por Mahatma Ghandi e Martin Luther King Jr. foram de fato grandes mudanças, porém, a desobediência civil sem desobediência epistêmica permanecerá presa em jogos controlados pela teoria política e pela economia política eurocêtricas. As duas teses são os pilares da opção descolonial, que nos permite pensar em termos do diversificado espectro da esquerda marxista e, de outro lado, do diversificado espectro da esquerda descolonial. (Mignolo, 2008, p.287)

Para este pensador, se a política de identidade acentua o pensamento colonial, o inverso, identidade em política, caracteriza o genuíno pensamento descolonial. No caso da escritora Maya Angelou, reconhecida internacionalmente por sua luta contra o racismo e contra a opressão dos menos favorecidos, podemos argumentar que, embora nascida nos Estados Unidos, produziu uma literatura pós-colonial que revela certa “desobediência” como quer Mignolo. De alguma forma as obras de Angelou se assemelham às de Chinua Achebe (Things Fall Apart, por exemplo) e de Claude McKay's da Jamaica cuja obra *Banjo* discute questões de colonialismo, imperialismo, preconceito e racismo entre outros temas. Importante lembrar também que em 1961, Maya Angelou, que era uma trabalhadora dos direitos civis, se mudou para o Egito onde trabalhou num jornal. Um ano mais tarde ela mudou-se para Ghana, onde depois juntou-se com escritores e ativistas como W. E. B. Du Bois, William Gardner Smith, Malcolm X entre outros. Esta experiência na



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

África parece ter sido fundamental para a autora ampliar a visão sobre colonialismo em países africanos.

“The Caged Bird” (O pássaro preso) de Angelou revela isso quando a poeta diz: “...Mas o pássaro preso na gravidade de seus sonhos, sua sombra solta um grito de pesadelo, suas asas estão imóveis e seus pés amarrados.” Isso, certamente é uma metáfora em relação a pessoa colonizada, que não pode se mover para onde quiser por questões políticas, étnicas, raciais e econômicas. As asas, símbolo de liberdade estão atadas, seus pés amarrados... A liberdade de ir e vir não existe. Mas há um canto, um canto que é a poesia. A poesia, podemos interpretar, é uma forma que o colonizado tem para se descolonizar.

O livro autobiográfico *I Know why the Caged Bird sings* é o primeiro numa série de sete volumes que revela como a literatura ajuda a superar traumas causados por injustiça e racismo. O livro começa contando a vida de Angelou quando tinha 3 anos de idade e foi enviada para a casa da avó em Arkansas e termina quando Angelou fica grávida aos 16 anos. Angelou viveu e sentiu na pele a segregação racial no sul dos Estados Unidos de forma intensa, momento propício para a violência contra o negro. A supremacia branca a atingiu até mesmo dentro da escola, onde os negros eram tidos como intelectualmente inferiores. A autora mostra como consegue superar o complexo de inferioridade, racismo e preconceito por meio da escrita. Sua autobiografia torna-se uma obra de literatura pela poética e estética, sem deixar de denunciar a opressão e a falta de liberdade de povos considerados “inferiores”. Neste aspecto os estudos pós-coloniais são importantes para ler a obra da autora

1 ANGELOU E O PÓS-COLONIALISMO

Nossa hipótese é que Maya Angelou, poeta em língua inglesa, representa vozes e discursos que desmantelam aquela “verdade” absoluta do colonizador sobre o outro, os “inferiores e menos classificados”. Negra e mulher, a autora sofreu várias formas de discriminação por causa de sua raça e de seu gênero, foi ativista em



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

países africanos como Gana e Egito. Por isso é válido comparar que elementos que aparecem em autores pós-coloniais, como denúncia de injustiça social, racismo e preconceitos são revelados pela autora. Interrogamos como a Angelou, de certa forma, observa o que Frantz Fanon sugere que o colonizado intelectual faça para descolonizar, isto é, “plantar bases para a esperança” (1990). Portanto, queremos discutir até que ponto uma autora nascida nos Estados Unidos, sendo negra, se associa a outros “condenados da Terra” que vivem em outros países. Por isso os estudos pós-coloniais são de grande relevância.

O pós-colonialismo, tendo o intento de enunciar aquilo que era negligenciado pelas correntes eurocêntricas, trouxe para a agenda discussões sobre temas tais como opressão colonial, desigualdades sociais e autoritarismo, entre outros e proporciona a pluralidade de vozes tanto no aspecto crítico como ficcional. Como o professor Sérgio Belei afirma, o “pós-colonialismo” faz parte da lista de conceitos que são ao mesmo tempo inúteis e indispensáveis (Ilha do Desterro, jan-jun 2001).

Alguns teóricos datam seu surgimento na academia ocidental com a publicação da influente obra de Edward Said intitulada *Orientalism*, publicada em inglês em 1978 e, no Brasil, traduzida por Tomás Rosa Bueno e publicada em 1990. Em *Orientalism*, Said diz que ele deve muito a Foucault para sua análise da construção discursiva do “Ocidente” sobre o “Oriente”, que formou as existências reais e imaginárias daqueles sujeitos a fantasias de ocidentais. O autor afirma que o “Orientalismo” é “um conhecimento do Oriente que põe as questões orientais na aula, no tribunal, prisão ou “manual para ser examinado, estudado, julgado, disciplinado ou governado” (31). Said explica que o “Orientalismo” é o termo genérico que [vem] usando para descrever a abordagem ocidental do oriente; é a disciplina pela qual o oriente é abordado sistematicamente” Said analisa a maneira errônea como o “Oeste descreveu o Oriente” durante o colonialismo, como estranho e exótico. Ele argumenta que os textos literários e críticos representam o oriente e sua cultura como “outro”, conseqüentemente, negativa; o não-Occidente: “a imagem



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

do oriental árabe que surge disso é, definitivamente negativa; contudo perguntamos por que esta série infinita de obras sobre ele” (315).

O termo “pós-colonial” dentro da academia foi consolidado pelo surgimento da obra *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Postcolonial Literatures* por Bill Ashcroft, Gareth Griffith and Helen Tiffin (1992). Para estes críticos, “literatura pós-colonial é a literatura produzida por aqueles povos que foram colonizados pelas forças imperiais europeias.” Eles afirmam que o termo pós-colonial cobre todas as culturas afetadas pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais” (92). O Pós-colonial interroga e subverte as “formações discursivas imperiais” (4). Helen Tiffin ainda acrescenta que as culturas pós-coloniais “são inevitavelmente hibridizadas e envolvem uma relação dialética entre os conceitos europeus de ontologia e epistemologia e o impulso de criar e recriar a identidade local independente.” (Ashcroft, B. Griffith G and Tiffin, 1995, 95) Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra*, (1968) foi o primeiro teórico a propor formas de descolonização e para ele a memória é algo muito importante. Como a memória que o colonizado tem muitas vezes é somente a memória do colonizador, aquela história imposta pelo dominador que apaga tudo que pertence ao mundo do colonizado, resgatar a memória do colonizado é um importante passo para a sua autoestima. Escrever sobre a memória, visitar a história e poder falar do seu lugar, poder fazer com que sua voz seja ouvida, portanto, é um meio de desfazer verdades estereotipadas, portanto, um meio de descolonização. Pois o colonizador, como diz Fanon, não está contente em roubar a mente do colonizado, mas “por um alógica perversa vai ao fundo ao seu passado e o desfigura e destrói”. Para Fanon, a violência do colonizador acorda a violência do colonizado.

Por outro lado, a violência pode ser diluída nas palavras de um poeta e isto é uma forma de resistência. Como diz Barbara Harlow (1994) ao citar Amílcar Cabral, “a literatura pode ser uma arma mais poderosa que muitos canhões.” Assim, as questões de resistência, de reescritura e contradição a um discurso colonizador por meio da poesia de Maya Angelou são reveladoras de um contra-discurso ao discurso opressor. Embora sendo de nacionalidade americana, por ser negra, ela



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

partilha todos os problemas de segregação e de preconceitos de uma sociedade privilegiada branca.

2 A VOZ DESCOLONIZADORA DE MAYA ANGELOU

O estudioso árabe Abdul Jan Mohamed, ao criticar a literatura colonialista e as alegorias que geram estereótipos sobre os colonizadores, afirma que a "função ideológica deste mecanismo, além de prolongar o colonialismo, é de de-historicizar e des-socializar o mundo conquistado, para apresentá-lo como "fato de vida" e que os que fazem parte do mundo colonizado são meros expectadores. O autor argumenta que o papel das literaturas do "Terceiro Mundo", as literaturas pós-coloniais é negar a negação anterior europeia das culturas em conjunção com linguagens e formas indígenas (22-23). É exatamente isso que acreditamos que a poesia, de Maya Angelou como Literatura do "Terceiro Mundo" nos convida a refletir.

Maya Angelou é uma poeta e "memorialista" negra norte-americana batizada com o nome de Marguerite Annie Johnson. Nasceu no dia 4 de abril de, 1928 no estado de Missouri e faleceu em maio de, 2014. Além de ser conhecida por sua poesia e por seus trabalhos como memorialista (também chamados de autobiografia literária), suas lutas como ativista dos direitos civis são destacáveis. Publicou sete autobiografias, três livros de ensaios e vários livros de poesia, recebeu muitos prêmios e mais de 50 títulos honorários. O primeiro livro autobiográfico que possui muitas qualidades literárias recebe o título de I Know Why the Caged Bird Sings (1969), que retrata a vida de uma adolescente negra nos Estados Unidos que tem que se mudar da casa dos pais para a casa da avó ainda com 3 anos, aos oito anos é estuprada pelo padrasto. "I Know why the caged Bird sings" é também o título de um poema de Angelou que revela muito bem o pensamento político da autora.

Os primeiros capítulos do livro I know why the caged bird sings, Marguerite relata sua vida de menina negra na cidade de Stamps. Este é o momento em que Maya torna-se consciente sobre a sua cor de pele, mas isto não a agrada. O convívio com o seu irmão Bailey, a sua avó Momma e o seu tio ajudam a perceber a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
 VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

segregação racial em Stamps, cidade onde Maya morava no estado de Arkansas, sul dos Estados Unidos. Ela percebe a situação em que as pessoas eram submetidas por causa da cor de suas peles e a pequena Maya também se tornou vítima do racismo.

Eles não se surpreenderiam se eu acordasse desse horrível sonho negro e o meu verdadeiro cabelo, longo e loiro, substituísse esse monte de cabelo carapinho que Momma não deixaria esticar. Quando eles vissem os meus olhos azuis, eles entenderiam o porquê de eu não ter escolhido um sotaque sulista ou falar como eles. E que eu fui forçada a comer rabo de porco. Um mago malvado me transformou numa grande menina Negra com cabelo negro carapinho, pés largos e tanto espaço entre os seus dentes que poderia segurar um lápis, porque eu era uma garota muito branca. (Angelou, 2000, p.2, tradução nossa)

Apesar da abolição da escravatura em 1863 nos Estados Unidos, os estados sulistas, adeptos da escravidão, apoiavam a prática racista da segregação como uma forma de darwinismo social. Tal realidade durou até a década de 60. Apesar da situação financeira razoável de sua avó, Maya presenciou crianças brancas humilhando a sua avó e também viu o seu tio sendo obrigado a ficar escondido durante uma caçada dos membros da Ku Klux Klan. Entendemos o que é o impacto na vida de uma criança ter que vivenciar de forma intensa a violência contra as pessoas que eram parecidas com ela; na sua infância, Maya cultivou o medo e a vontade de se distanciar da aparência que ela tinha. Percebemos isso através do trecho seguinte: “Se crescer é doloroso para uma menina negra sulista, estar ciente da sua diferença é pior. Era um insulto desnecessário.” Angelou (2000, p.2, tradução nossa)

Alguns problemas afetavam mais ainda a vida de Marguerite. Ela vai morar com a mãe em St. Louis e é estuprada pelo Senhor Freeman, por causa do ocorrido, Maya ficou sem falar. Felizmente, ao retornar para Stamps, ela encontra a Senhorita Flowers e a tem como exemplo de mulher forte para a sua vida. Flowers ajuda Maya com o problema da mudez, ela se dedica com afinco às leituras e volta a falar. Adolescente trabalhando na casa de uma senhora branca, Maya tem o seu



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

nome mudado para Mary. Isso reflete bem a atitude colonizadora do empregador, crê ser o “dono” do colonizado.

Em sua graduação do ensino fundamental, Maya conta sobre o discurso de um orador branco limitando o intelecto das pessoas negras, como se elas fossem fadadas ao trabalho braçal e não tivessem a capacidade intelectual para se tornarem Galileus, Edisons e Madame Curies. A seguinte citação aborda esta situação: “As crianças brancas teriam a chance de se tornar Galileus e Madame Curies e Edisons e Gauguins, e os nossos meninos (as meninas nem foram incluídas) tentariam ser Jesse Owens e Joe Louises.” Angelou (2000, p. 61, tradução nossa)

Notamos que tal discurso é analisado na obra de Albert Memmi (2007) sobre como o colonizador vê o “outro” colonizado. O pensador tunisiano acredita que “no limite, ambição suprema do colonizador, ele [o colonizado] deveria passar a existir apenas em função das necessidades do colonizador, isto é transformar-se em colonizado puro” (MEMMI, 2007:124). Parece-nos que os poemas de Angelou bem como as suas autobiografias literárias, de alguma, forma refletem a teoria de Memmi, sobre questões de preconceitos, estereótipos e a falta de liberdade de um colonizado.

Sobre o discurso do colonizador em relação ao colonizado também o teórico indiano Homi Bhabha tem discutido. Em seu livro *O Local da Cultura* (1998) o autor explora a questão da destruição da identidade do “Outro”, isto é o colonizado que é caracterizado pelo discurso do colonizador, do europeu, do homem do centro, de forma depreciativa, degradante, como se fosse “inferior”. Uma das estratégias de descolonização apontada por Bhabha seria a utilização das brechas, deixadas pelo colonizador. Neste caso, *mimicry and mockery*, ou seja, mímica e deboche são eficazes para dismantelar este discurso. Esta noção é perceptível na obra de Angelou, por exemplo, quando ela reverte e subverte as “normas” do colonizador e opressor. No capítulo 8 de sua obra autobiográfica, Maya Angelou relata sobre a sua experiência ao trabalhar na casa de uma mulher branca e a superioridade colonizadora desta mulher batizou Maya com um outro nome que a agradasse e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

facilitasse a sua dominação sobre Angelou. Farta da situação, Maya acaba aprontando brincadeiras para tirar Sra. Cullinan do sério.

A senhora que havia me dado o nome de Mary se abaixou e perguntou: ‘Quem fez isso, Viola? Foi a Mary? Quem fez isso?’ Tudo aconteceu tão depressa que eu não conseguia me lembrar se foi a sua ação ou as palavras que vieram antes, mas eu sei que a Sra. Cullinan disse: ‘O nome dela é Margaret, droga, o nome dela é Margaret.’ E ela jogou um pedaço do prato quebrado em mim. Eu deixei a porta bem aberta para que a vizinhança pudesse ouvir. A Sra. Cullinan estava certa sobre uma coisa. Meu nome não era Mary. (Angelou, 2000, p.48-49, tradução nossa)

CONCLUSÃO

O livro e o poema I know why the caged Bird sings relacionam-se através das marcas da teoria pós-colonial. Após a análise das obras, identificamos estratégias de denúncia contra o discurso colonizador. A própria escrita memorialista de Maya Angelou pode ser associada como uma das formas de descolonização, segundo Frantz Fanon. A voz dentro do texto de Angelou tornou-se a metáfora do canto do pássaro engaiolado.

Não é pelo fato dos EUA serem um país imperialista que não existam práticas colonizadoras dentro da sociedade. Entendemos que o país não carrega somente uma identidade, que é a do branco, colonizador, culturalmente superior como muitas pessoas veem. Os EUA podem ser considerados uma grande potência no mundo em vários aspectos, mas existe uma história dentro desta sociedade que sufoca outras identidades que foram fragmentadas. Notamos que não podemos cair na limitação sobre o que é o “outro”, não podemos pensar que os EUA são formados por uma sociedade centralizada que tem os mesmos interesses e pensam da mesma forma. Há o “outro” marginalizado e oprimido dentro de uma cultura que o mundo vê como dominador.

Várias questões surgem ao lermos Maya Angelou. Até que ponto, por exemplo, percebe-se uma sugestão para um “terceiro espaço” (como sugere Homi Bhabah) e uma negociação com o discurso colonizador ou há uma negação de todas as posições que colocam o colonizado como inferior. Parece-nos que a sua



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

primeira autobiografia, *I Know why the Caged Bird Sings*, contempla algumas questões levantadas por Bhabha. Qual é ou quais são as práticas estratégicas de subjetivação por meio das quais se percebe que os oprimidos podem expressar sua voz, promovendo assim a "tradução", ou reinscrita, dos imaginários ocidentais, da cultura humana e histórica. (BHABHA, 1998, p. 27). Argumentamos que o próprio "cantar" ou denunciar pela escrita é uma das estratégias visíveis em Angelou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELOU, Mayas. "**I know why the caged Bird Sings**". In Angelou, Maya. Complete Poems. London: Penguin Random House, 2000

_____. **I know why the caged Bird Sings**. Autobiography. London: Penguin, 2000..

ASCROFT, B; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. **The Empire writes back**: Theory and Practice in the Post-colonial Literatures. Londres: Routledge, 1989.

BHABHA, Homi. (Ed.) **Nation and narration**. Londres e Nova York: Routledge, 1990.

_____. **O local da cultura**. Trad. Miriam Ávila, Eliana L.L. Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

CESAIRE, Aime. **Discurso sobre Colonialismo**. Florianópolis: Insular, 2009

CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje, transculturación, heterogeneidade. In: MAZZOTTI, José Antonio; ZEVALLOS AGUILLAR, Ulises Juan (Coord.). **Asedios a la heterogeneidad cultural**: libro de homenaje a Antonio Cornejo Polar. Lima: Lluvia, 1996. p. 54-56.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

_____. **Escribir en el aire: ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas.** 2. ed. Lima: CELACP, 2011.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Os condenados da terra.** Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Conceitos de literatura e cultura.** 2. ed. Niterói: Editora da UFF; Juiz de Fora: UFJF, 2010. p.125-142.

MIGNOLO, Walter. **"Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado da identidade em política"**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n.34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, Walter. **La razón postcolonial: herencias coloniales y teorías postcoloniales.** Revista Chilena de Literatura, n. 47, p. 91-114, 1995.

_____. **Posoccidentalismo: las epistemologías fronterizas y el dilema de los estudios (latinoamericanos) de áreas.** Revista Iberoamericana, v.62, n.176-177, p. 679-696, 1996.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos e viagem e transculturação.** Trad. Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: Editora da USC, 1999.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo.** Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

_____. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra R. G. Almeida et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

_____. **The post-colonial critic**: interviews, strategies, dialogues. HARASYM, S. (Ed). Londres: Routledge, 1990.

BRYDON, Diana and Tiffin, Helen **Decolonizing Fiction**. Sidney: Dangaroo, 1995.